

**O caso João
Alberto:
leitura dialógico-
discursiva de manchetes
e comentários on-line no
Instagram**

RESUMO

Ancorado na Análise Dialógica do Discurso, este artigo apresenta uma análise de enunciados concretos de manchetes jornalísticas e do gênero comentário *on-line* em circulação na rede social *Instagram* e engendrados a partir de um evento específico, a saber: o caso João Alberto - homem negro morto no mercado Carrefour, em novembro de 2020, na cidade de Porto Alegre. Diante do apresentado, constitui-se como objetivo da pesquisa investigar a produção de sentidos nas interações discursivas estabelecidas em páginas jornalísticas no *Instagram* no tocante às manchetes sobre o caso João Alberto e aos comentários *on-line* advindos delas. Para tanto, tentando alcançar nosso desígnio, pautamo-nos teoricamente nos pressupostos de Bakhtin (2016; 2015; 2003), Fiorin (2008) Volóchinov (2017; 2019), dentre outros. Baseados nesse aporte, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo (BORTONI-RICARDO, 2008), de base netnográfica (NOVELI 2010; KOZINETS, 2010), uma vez que buscou-se interpretar fenômenos situados em um ambiente *on-line*. Os resultados dessa pesquisa apontam que o *Instagram*, enquanto espaço sociocomunicativo, abaliza uma pluralidade de projetos de dizeres sobre o caso João Alberto que se encontram condicionados à filiação verboideológica dos sujeitos discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Interação discursiva. Redes sociais digitais. Caso João Alberto.

1 Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: o.jeniffer@hotmail.com

2 Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: manassesmxavier@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

Por meio do uso da linguagem somos capazes de interagir, estabelecer relações e transmitir ideias, pensamentos, sentimentos, valores, etc. Apesar da naturalidade com a qual fazemos o seu uso, pensar sobre a linguagem não é das tarefas mais fáceis, tampouco, unânime. Muitas teorias, desde a Antiguidade, se dedicam a pensar sobre esse fenômeno a partir de diferentes ângulos, tanto no que se refere a sua aquisição, quanto no que concerne ao seu processo, seu desenvolvimento e seu uso.

No trajeto de edificação de estudos científicos sobre a linguagem humana, eis que vislumbramos o nascimento da Linguística enquanto ciência. O principal nome referenciado nesse processo é o de Ferdinand de Saussure. A teoria saussuriana se ateve, unicamente, à língua enquanto objeto de estudo. A partir de uma concepção sistemática, homogênea e abstrata, pensava-se, então, em como a língua se estrutura sincronicamente. Diante desse cenário, na cadeia de conservação, manutenção e rupturas teóricas no que tange às perspectivas sobre os estudos da língua(gem), muitos postulados surgiram. Entre a gama da linguística contemporânea, destacamos os estudos do Círculo de Bakhtin.

Contrariando as conjecturas teóricas da sua época, Bakhtin e o Círculo criticaram o pensamento que se volta apenas para o sistema, para o universal e não se preocupa jamais com o evento, com o social (FIORIN, 2008). Diante disso, o Círculo de Bakhtin erige um olhar teórico-metodológico que pensa a língua/linguagem como um fenômeno dialógico, vivo, dinâmico, sócio-histórico, fruto da interação discursiva. Nesse contexto, eis que estamos diante de uma percepção que defende que a essência da língua é a interação que se concretiza por meio de enunciados concretos (VOLÓCHINOV, 2019).

Ao nos reportarmos à interação efetivada pelo uso da linguagem, é possível vislumbrar que o contexto contemporâneo dispõe de mecanismos que se edificam e se pautam na interatividade dos sujeitos, como é o caso das redes sociais digitais. Elas – as redes – têm sido um *locus* produtivo de construção de sentidos sobre diferentes objetos discursivos em que circulam discursos (seja por meio de publicações, seja mediante a inserção de comentários *on-line*) embebidos pelas posições axiológicas de sujeitos, assim, oportunizando um âmbito de projeções socioideológicas e de audiência participativa/ativa, efetivada pela interação discursiva entre indivíduos que se relacionam em processos de significação.

Diante desse panorama, ao considerar a linguagem enquanto prática social plasmada por interação e as redes sociais digitais enquanto espaços sociocomunicativos de trocas interacionais, este estudo busca investigar a produção de sentidos nas interações discursivas estabelecidas em páginas jornalísticas no *Instagram* no tocante às manchetes sobre o caso João Alberto e aos comentários *on-line* advindos delas. Portanto, estabelece-se como seu objeto de estudo as interações em manchetes e comentários *on-line* no *Instagram* a respeito do fato em questão.

Nesse sentido, ressaltamos que para tal feito, para além dessa consideração inicial, organizamos esse trabalho em mais cinco momentos. A *metodologia*, espaço em que apresentamos as questões metodológicas que perpassam nosso estudo. Seguidamente, discorreremos teoricamente a respeito da *natureza interativa da linguagem*, sob a ótica do Círculo de Bakhtin e de colaboradores. Consecutivamente, em conformidade com o mesmo preceito teórico, empreendemos uma discussão sobre os *gêneros do discurso*. Empreendidas tais exposições que sustentam a presente pesquisa, passamos para a apresentação da nossa análise. Por fim, sinalizamos as considerações finais, retomando algumas questões-chave tracejadas no decorrer da nossa investigação.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa analisa duas manchetes extraídas de matérias de páginas jornalísticas dispostas na rede social *Instagram*, são elas: @jornalgloblo e @diariodepernambuco. As escolhas das páginas supramencionadas se deram em virtude da regularidade de publicações percebidas a partir da quantidade e periodicidade dos *posts* de cada página, bem como por consequência do alcance dessas postagens dimensionado a partir da proporção de pessoas que seguem e, conseqüentemente, recebem e oportunamente interagem com os conteúdos disseminados.

Nesse sentido, intencionando analisar as manchetes e os comentários *on-line* advindos das publicações de matérias referentes ao caso João Alberto, selecionamos publicações compreendidas no dia 20 de novembro de 2020. Tal recorte cronológico é motivado por ter sido um dia após o ocorrido (19 de novembro de 2020), assim, denotando-se como um período em que o acontecimento enunciativo em questão mobilizou, com maior efervescência, os olhares midiáticos. Assim, a repercussão ocorrida nesse espaço temporal suscitou um expressivo engajamento dos internautas nas postagens de matérias que cobriram o caso, ofertando-nos um número satisfatório de réplicas valorativas empreendidas em comentários *on-line*. Dentre os inúmeros comentários dispostos nas publicações, selecionamos aqueles que apresentam enunciação de diferentes informações, para assim, não tornar a análise reiterativa. No intuito de preservarmos a identidade dos internautas comentadores, camuflamos as imagens dos perfis e adotamos nomes fictícios ao nos reportarmos a esses sujeitos.

Do ponto de vista analítico, esta pesquisa é de cunho qualitativo, uma vez que buscamos “entender, interpretar fenômenos inseridos em um contexto” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 34). Estando nosso objeto situado no *Instagram*, logo, no espaço virtual, filiamo-nos a uma metodologia de pesquisa *on-line*. Nesse sentido, ela é netnográfica. Compactuamos com Noveli (2010), ao salientar que a Netnografia surge em função da necessidade da academia em abordar um “novo” espaço, o *on-line*. Ainda, coadunamos com Kozinets (2010), ao assentir que a Netnografia é um método que não concebe a comunicação realizada no âmbito digital como conteúdo, mas

como interações sociais, como expressões plasmadas de significados. Para a coleta dos dados, usamos o procedimento da captura de tela, também conhecida como *print screen*. Nesse sentido, por meio de *prints* capturamos as manchetes e os comentários *on-line* do *Instagram*, no ensejo de reproduzi-los e analisá-los conforme nosso intento. Diante desse panorama, tecidas as questões metodológicas, passemos para a discussão teórica que fundamentou a nossa investigação.

3 A NATUREZA INTERATIVA DA LINGUAGEM

A teoria dos estudos dialógicos, advindos do Círculo de Bakhtin, se manifesta como um grande apogeu para os estudos Linguísticos ao contrapor-se à negligência feita à função comunicativa da linguagem realizada nos estudos linguísticos do século XIX como, por exemplo, de linhagem formal. Em *Os gêneros do discurso*, Bakhtin (2016) é incisivo ao citar teorias que alocavam a função comunicativa em segundo plano, como é o caso do pressuposto teórico de Saussure. Ao voltar-se para as representações esquemáticas dos dois parceiros da comunicação (emissor e receptor), o qual apresenta um processo ativo por parte do falante e uma recepção e compreensão passiva por parte do interlocutor, Bakhtin é categórico ao afirmar que, em se tratando do objetivo real da comunicação discursiva, tal representação se configura como uma *ficção científica*.

Nesse sentido, discrepando de uma concepção de língua que até então era reducionista ao ser concebida como abstrata, subjetivista, desassociada do social, o Círculo de Bakhtin adota uma perspectiva que focaliza a dimensão social e dialógica da linguagem. A respeito disso, Volóchinov destaca:

A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267, grifos do autor).

Nesse percurso de pensamento é instituído um cenário que denota a língua como um fenômeno vivo, social, dinâmico, fruto das interações discursivas. Logo, a língua passa a ser vislumbrada em seu constante movimento, considerando a intrínseca relação entre o Eu e o Outro, dada a partir da enunciação como produto da interação entre dois indivíduos socialmente organizados. Diante desse pressuposto, eis que se torna notória a relação do processo de interação com a enunciação.

De acordo com Volóchinov (2019), a essência da língua é o acontecimento social da interação discursiva que se concretiza em um ou em vários enunciados. Para o Círculo de Bakhtin, os enunciados se apresentam como a unidade real e concreta da comunicação verbal. Logo, todo o processo de interação

só se dará por meio de enunciados. O enunciado, portanto, corporifica-se no processo de interação social entre os participantes da enunciação, partícipes esses que não são abstratos, mas sim, reais ou ainda presumidos.

Nesse sentido, enquanto o Estruturalismo filiava-se a um entendimento de língua sistemática, a concepção teórica bakhtiniana voltava-se a um elemento: o enunciado concreto. Bakhtin (2016) traz para o cerne da discussão que a confusão metodológica no pensamento linguístico decorre do desconhecimento do enunciado enquanto unidade real da comunicação discursiva. Logo, o filósofo russo lança mão do entendimento de que somente na forma de enunciados concretos o discurso pode existir, assim, “[...] o discurso se molda sempre à forma do enunciado que pertence a um sujeito falante e não pode existir fora dessa forma” (BAKHTIN, 2003). É nele e através dele que as atividades verbais/discursivas são edificadas, por meio de sujeitos imersos no fluxo da vida verboideológica.

Um aspecto importante a considerar sobre os enunciados é seu eminente elo na cadeia intrincada de outros enunciados. Bakhtin (2016, p. 57, grifos do autor) pontua que

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.

Diante dessa perspectiva, é possível vislumbrar que o enunciado é dialógico e pleno de atitudes responsivas, isso porque, por meio dele, respondemos, valoramos, nos posicionamos e nos colocamos como sujeitos historicamente situados. Por esse viés, torna-se evidente a propriedade interativa do enunciado, em contraponto com as noções convencionais da época em que se presumia um ouvinte passivo. Sobre essa questão, Bakhtin (2016) elucida que “[...] aquele ouvinte que, com sua compreensão passiva é representado como parceiro do falante nos desenhos esquemáticos das linguísticas gerais, não corresponde ao participante real da comunicação” (p. 26). Na esteira desse raciocínio, os pressupostos bakhtinianos transcendem uma abordagem simplificada do sistema linguístico. A respeito disso, o filósofo russo enfatiza:

Não tomamos a língua como um sistema de categorias gramaticais abstratas; tomamos a língua *ideologicamente preenchida*, a língua enquanto cosmovisão e até como uma opinião concreta que assegura um *maximum* de compreensão mútua em todos os campos da vida ideológica. (BAKHTIN, 2015, p. 40, grifos do autor).

Nesse sentido, torna-se evidente que os estudos dialógicos primam pela orientação social da linguagem, logo, ideológica da palavra. Conforme Stella (2005, p. 178) afirma, “[...] a palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva”. Nessa perspectiva, pensar em uma abordagem que acata a natureza social da linguagem é admitir a sua relação verboideológica.

Diante do apresentado, compreendemos que o enunciado comporta, em sua essência, a comunicação. O enunciado mobiliza, então, a interação discursiva efetivada por sujeitos sócio-historicamente situados. O sujeito, enquanto instância constitutiva, apodera-se de discursos já vivenciados e confere a ele o seu tom, o seu valor, o seu *sabor*. Nesse sentido, o enunciado vincula-se à relação entre interlocutores organizados em situações de interação discursiva, em contextos de vivências verboideológicas. Dessa maneira, atentamos para o fato de que a realidade fundamental da linguagem é a interação discursiva, contemplada em sua essência sócio-histórico-ideológica empreendida mediante a enunciação que emerge da comunicação concreta. Face a esse panorama, estamos diante de uma concepção de linguagem banhada em seu horizonte social e ideológico.

4 OS GÊNEROS DO DISCURSO

Como mencionado anteriormente, a teoria bakhtiniana concebe como essência da língua a interação social que se concretiza em enunciados concretos. Ora, se considerarmos então que “todos os diversos campos da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 2003, p. 279), logo, torna-se coerente admitir que sendo múltiplos os campos da atividade humana, igualmente multifforme será o emprego dos enunciados.

Na esteira desse raciocínio, Bakhtin (2016) defende que cada esfera da utilização da linguagem vai elaborar seus tipos *relativamente estáveis* de enunciados, os quais refletirão as condições e finalidades específicas de cada campo da atividade humana. É, portanto, essa estabilidade dos enunciados atrelados às necessidades comunicativas das esferas sociais que gerará o que conhecemos por *gênero do discurso*.

De acordo com Fiorin (2008), é preciso considerar que Bakhtin insiste no fato de que os gêneros são tipos *relativamente* estáveis de enunciados, o que implica pensar que não há nenhuma normatividade, uma vez que, diante da historicidade dos gêneros, é admissível pressupor mudanças. Nesse sentido, é preciso ter em vista que

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos). (BAKHTIN, 2016, p. 12).

Por esse viés, torna-se claro que os gêneros discursivos sofrem transmutações em virtude do momento sócio-histórico ao qual estão imersos, tal fato incide no caráter dinâmico e mutável do gênero, diante de sua propriedade de renovação e recriação em função das demandas dos campos da atividade humana. Emerge, então, o motivo pelo qual a estabilidade do gênero é colocada em evidência. Ainda vale destacar que toda e qualquer comunicação, desde a mais cotidiana à mais elaborada, faz uso dos gêneros discursivos. Tais gêneros, conforme assegura Bakhtin (2016), são dominados pelo usuário livremente, tal qual como é feito com a língua materna. Nesse cenário, o autor clarifica a percepção de naturalidade de apropriação dos gêneros.

Ora, partindo então da percepção de que qualquer comunicação é realizada a partir de gêneros do discurso, desde as situações mais simples às mais complexas, dá-se então o motivo pelo qual Bakhtin (2016) afirma que “jamais se deve minimizar a extrema heterogeneidade dos gêneros discursivos [...]” (p. 15). Nesse sentido, o autor indica a extrema importância em atentar para duas categorias elencadas por ele: os gêneros primários e os gêneros secundários. O primeiro corresponde aos gêneros do cotidiano, logo, são determinados pela comunicação espontânea, para efeito de exemplificação pensemos no diálogo entre amigos, nas piadas, nos bilhetes, etc.. O segundo, por sua vez, corresponde aos gêneros de esferas de comunicação mais elaboradas, a exemplo da jurídica, artística, filosófica, religiosa etc. Diante desse panorama, Bakhtin enfatiza que quanto mais nos apropriamos e temos domínio dos gêneros

[...] maior é a desenvoltura com que os empregamos e mais plena e nitidamente descobrimos neles a nossa individualidade (onde isso é possível e necessário), refletimos de modo mais flexível e sutil a situação singular da comunicação – em suma, tanto mais plena é a forma com que realizamos o nosso livre projeto de discurso. (BAKHTIN, 2016, p. 41).

Ainda que passível à flexibilidade, como já apontado na discussão aqui empreendida, a teoria bakhtiniana certifica uma certa estabilidade para os gêneros do discurso. Isso se explica, pois os gêneros são plasmados por elementos basilares que “fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e eles são demarcados pela especificidade de uma esfera de comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 279). Os elementos, aos quais o filósofo russo se refere, são: conteúdo temático (tema), a construção composicional e o estilo.

O conteúdo temático é, conforme aponta Fiorin (2008), não o assunto específico de um texto, mas o domínio de sentidos de que se ocupa o gênero. A construção composicional, por sua vez, diz respeito às formas relativamente estáveis de composição, organização e estruturação do gênero. Por fim, o estilo refere-se ao projeto de dizer, mediante a subjetiva seleção dos meios linguísticos e enunciativos, os quais acabam por representar “os graus de formalidade e valoração do autor do texto” (ROSA, 2014).

Diante dessa breve discussão, torna-se claro que o pressuposto bakhtiniano apregoa a perspectiva de que a interação discursiva só ocorre por meio dos gêneros discursivos enquanto resultado da estabilidade dos enunciados concretos empregados nas mais diversas esferas da atividade humana. Nesse cenário, a língua é encarada não em sua propriedade formal e estrutural, mas em seu aspecto discursivo. Portanto, em seu viés histórico-social.

Perante o exposto, tecidas as noções teóricas fundamentais para o presente trabalho, convocamos o tópico *Leitura dialógico-discursiva de enunciados de manchetes e de gênero comentário on-line sobre o caso João Alberto*, o qual apresentará a análise dos nossos dados.

5 LEITURA DIALÓGICO-DISCURSIVA DE ENUNCIADOS DE MANCHETES E DE GÊNERO COMENTÁRIO ON-LINE SOBRE O CASO JOÃO ALBERTO

João Alberto Silva Freitas, homem negro de 40 anos, foi espancado até a morte no dia dezanove de novembro de dois mil e vinte, às vésperas do dia da Consciência Negra, por dois seguranças brancos nas dependências do mercado Carrefour, em Porto Alegre. De acordo com testemunhas, após um desentendimento com uma funcionária, ele teria sido levado por seguranças para o estacionamento do mercado e, nesse espaço, foi imobilizado e brutalmente golpeado com socos, seguido de asfixia, ocasionando a sua imediata morte.

O promotor responsável pelo caso, André Martinez, atentou para o fato de que a “imensa violência” acabou debilitando João Alberto. Sem chances de defesa, a vítima foi comprimida no chão, resultando em seu sufocamento enquanto uma plateia assistia às cenas. Seis pessoas foram denunciadas pelo Ministério Público do Rio Grande do Sul, dentre elas os dois seguranças responsáveis pela morte de João Alberto e uma funcionária fiscal do Carrefour, que presenciou com indiferença as cenas e teria assumido a coordenação das ações. Essas pessoas foram acusadas por homicídio triplamente qualificado. As três qualificadoras são: meio cruel (resultando em asfixia), recurso que impossibilitou a defesa da vítima e motivo torpe (quando há fato reprovado socialmente e moralmente).

Tamanho foi a torpeza e crueldade do crime que o caso João Alberto ganhou proporções alastrantes, chegando a repercutir mundialmente³. A imprensa jornalística foi tomada pelo acontecido, dispondo de matérias que se incumbiam de cobrir o caso, noticiando o ocorrido, as apurações policiais/judiciais e os desdobramentos dos fatos. Diante desse panorama, buscamos nesta pesquisa realizar leituras dialógico-discursivas de manchetes de páginas jornalísticas no Instagram que fizeram referência ao caso supramencionado,

³ Matéria “Jornais estrangeiros repercutem assassinato de homem negro em supermercado brasileiro”, publicada pelo G1, mostra-nos o quão o caso João Alberto repercutiu mundialmente, ao evidenciar jornais estrangeiros que realizaram cobertura do crime, a exemplo dos Estados Unidos, da França, da Alemanha, dentre outros. Link para acesso: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/11/20/jornais-estrangeiros-repercutem-assassinato-de-homem-negro-em-supermercado-brasileiro.ghtml>. Acesso em: 9 mar. 2021.

bem como analisar os comentários advindos dessas publicações. À vista desse panorama, esclarecemos que nesta pesquisa compreendemos a manchete enquanto enunciado concreto e o comentário on-line enquanto gênero discursivo. Desse modo, após o esclarecimento de tal questão e depois de tecer considerações a respeito sobre o caso, vejamos a seguir a Figura 1.

Figura 1 – manchete do @jornaloglobo



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH0v1o-FsFI/?igshid=1vdj9wmfe34wk>
Acesso em: 13 abr. 2021.

A manchete contida na Figura 1 foi retirada do @jornaloglobo. Do lado esquerdo do enunciado não verbal, temos a imagem de Hamilton Mourão, atual vice-presidente do Brasil, em uma possível coletiva de imprensa. Do lado oposto, na direita, temos um recorte do vídeo feito pelas câmeras internas do supermercado Carrefour, que flagraram o exato momento em que João Alberto foi agredido e asfixiado até a morte por dois seguranças, sob a supervisão de uma funcionária do estabelecimento.

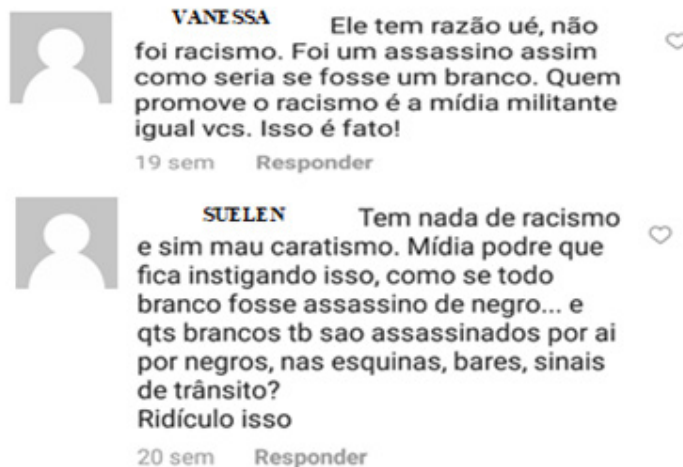
O enunciado verbal da manchete apresenta a posição de Mourão a respeito do caso. O vice-presidente da República nega o racismo enquanto motivação da morte de João Alberto, ao passo em que justifica a sua assertiva, alegando a ausência do racismo no Brasil (“não existe racismo no Brasil”). Em um país a ser o último do Ocidente a abolir a escravidão e, atualmente, oferecer números que comprovam que a cada 23 minutos um jovem negro

é assassinado, Mourão - proveniente de um governo negacionista - revela um tom emotivo-volitivo de descrédito diante do preconceito étnico-racial, logo, acabando por manifestar a sua filiação político-partidária ao reverberar a postura ideológica do governo ao qual faz parte e com a qual compactua.

Considerando que, para o Círculo de Bakhtin, todo enunciado expressa minimamente dois posicionamentos, o de quem enunciou e aquele em oposição ao qual se construiu, é possível vislumbrar que o discurso de Mourão se edifica em divergência ao da família da vítima, que atribuiu a causa da morte ao racismo, e a posição da polícia, que citou “racismo estrutural” como uma das causas determinantes na conduta dos envolvidos na morte de João Alberto. No inquérito, a polícia enfatiza a questão estrutural do racismo no Brasil, convocando no fio do discurso a voz do jurista Silvio Almeida, autor do livro “Racismo Estrutural” e, por meio de relações dialógicas, discursa sobre a naturalização da violência contra pessoas negras no país. O discurso denuncia a situação degradante e desumana em que a vítima foi posta, explicitando que essa situação somente se explica pela discriminação arraigada socialmente, validando, então, a existência da discriminação racial no Brasil.

No cerne dessa discussão, temos os comentários *on-line* enquanto agenciador de interação entre os sujeitos, que estão fundamentados em práticas de linguagem que podem indicar a anuência ou desaprovação diante do enunciado concreto em circulação na manchete. Vislumbremos, portanto, os comentários a seguir, retirados da publicação da manchete supramencionada.

Figura 2 - Comentários I sobre a manchete do @jornaloglobo no *Instagram*

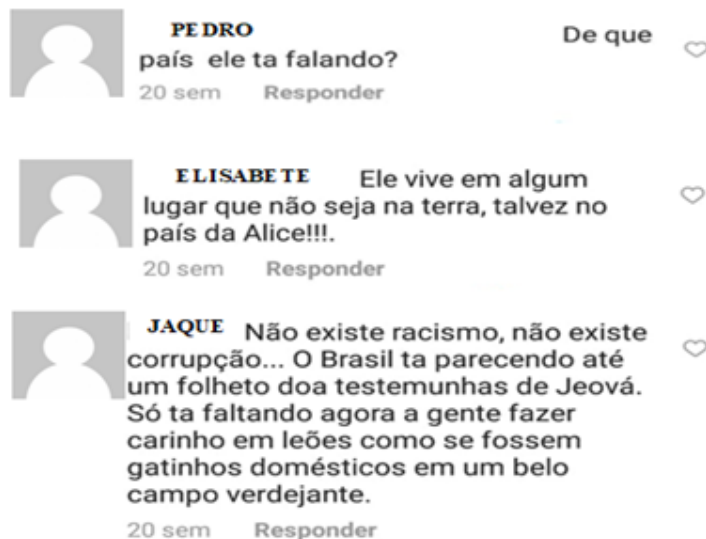


Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH0v1o-FsFI/?igshid=1vdj9wmfe34wk>
Acesso em: 13 abr. 2021.

Observamos nos comentários de Vanessa e Suelen um tom emotivo-volitivo de adesão ao discurso de Mourão, uma vez que, enquanto a primeira enuncia “ele tem razão”; a segunda declara que “não tem nada de racismo”. Um ponto interessante a destacar nos comentários em análise é a ratificação da percepção de nulidade de discriminação racial no Brasil, percebida pela culpa atribuída recair sobre a mídia, que é acusada de *promover e instigar* o racismo. Adjetivada ora por “militante”, como no comentário de Vanessa, ora por “podre” no discurso de Suelen, as autoras responsabilizam e reprovam a mídia, valorando negativamente a atividade midiática. Logo, a entonação expressiva utilizada pelas autoras revela a “relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido de seu enunciado.” (BAKHTIN, 2016, p. 47).

Em concordância com o vice-presidente, ambos os comentários demarcam suas posições pautando-se em argumentos que relativizam as mortes de negros no país. Enquanto Vanessa afirma que foi um assassinato “assim como seria se fosse um branco”, Suelen adere a um discurso de que brancos também são assassinados diariamente, ao lançar mão do questionamento “qts brancos tb são assassinados por ai por negros, nas esquinas, bares, sinais de trânsito?”. Vemos, portanto, que os comentários de Vanessa e Suelen convocam uma tentativa de equiparar a ocorrência e o quantitativo de assassinatos entre negros e brancos, invalidando, assim, a existência do preconceito racial.

Figura 3 - Comentários II sobre a manchete do @jornalglobo no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH0v1o-FsFI/?igshid=1vdj9wmfe34wk>
Acesso em: 13 abr. 2021.

Nesse sentido, é possível aferir que tais comentários relativos ao acontecimento enunciativo em questão demonstram-nos modos de avaliação e de construção de perspectivas pautadas em horizontes verboideológicos. Observamos, portanto, vozes que difundem apreciações, que valoram concordantemente, que aderem ao discurso de Mourão, mostrando-nos que é na e pela linguagem que o sujeito se constrói e se coloca ideologicamente.

No comentário de Pedro, vislumbramos uma perspectiva edificada por uma expressão interrogativa: “de que país ele tá falando?”. Tal questionamento traz à luz da discussão a incompatibilidade de pontos de vista sobre uma mesma conjuntura em um mesmo país, ou seja, o não reconhecimento de um Brasil em que o racismo não existe. De modo semelhante, Elisabete evoca um discurso de confronto diante da posição de Mourão. Amplificando os limites do país em questão, Elisabete pressupõe “ele vive em algum lugar que não seja na terra”, tal proposição nos revela um posicionamento de que o racismo não só existe no Brasil, mas sim para além de sua territorialidade, apresentando-se, portanto, como um problema global. A autora desse comentário ainda satiriza ao supor que o vice-presidente resida no país da Alice, personagem infantil que vive no país das maravilhas, onde tudo é harmônico e encantado, estabelecendo, nessas condições, relações dialógicas. Contrapondo mundo real e ficção, Elisabete revela um tom emotivo-volitivo de discrepância e de deboche ao proferido por Mourão.

Também utilizando de sátira e ironia, Jaque apresenta em seu comentário oposição ao discurso do vice-presidente. De modo análogo, a autora tece uma relação com a representatividade de mundo enunciada em folhetos distribuídos pelas Testemunhas de Jeová, cuja significação revela uma realidade paralela a que vivemos: um mundo feliz, pacífico, perfeito, harmônico, sem problemas. Um verdadeiro paraíso. A construção de sentidos viabilizados pelas marcas da ironia nos permite realizar uma leitura que vai ao encontro de uma crítica aos discursos do governo brasileiro que apregoam uma percepção que destoa da realidade, ao buscar convencer-nos sobre a ausência de corrupção e, de igual modo, a inexistência do racismo no país, assim como defende Mourão ao comentar o caso João Alberto.

Considerando esse cenário, é possível acentuarmos que os comentários *on-line*, pautados em interação discursiva, se consolidam a partir de diferentes formas de compreensão e divergentes pontos de vista, uma vez que “toda verdadeira compreensão é ativa” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 232) e traz em seu cerne concordância ou embate na cadeia intrincada das relações dialógicas. Compreendemos, portanto, que os enunciados enquanto resultado de compreensões conferem tons avaliativos que revelam posições ideológicas dos sujeitos enunciadoreis.

É dentro desse pensamento que entendemos as redes sociais digitais como ecossistemas comunicativos de interações discursivas capazes de abrigar o convite à participação social com seus mais diferentes modos de perceber e de construir pontos de vista a partir, por exemplo, da inscrição de comentários *on-line*. Eles - os comentários contidos nesta análise

- representam, significativamente, esse olhar para o diverso, para a socialização de opiniões, de respostas a enunciados concretos. É tendo em mente esse pressuposto que seguimos com a análise a seguir.

Figura 4 – manchete do @diariodepernambuco



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH1QbHXDrdr/?igshid=9ic70to3w92o>
Acesso em: 13 abr. 2021.

Um aspecto a ser evidenciado é que a morte de João Alberto causou indignação em grande parte da população, motivando passeatas e manifestações pacíficas e/ou turbulentas. Uma delas encontra-se ressaltada na manchete acima, retirada da página do *Instagram* @diariodepernambuco, a qual ocorreu no Carrefour situado em São Paulo. Na imagem, é possível vislumbrar o resultado do tumulto causado na manifestação. A materialidade visual nos mostra as prateleiras da rede de supermercados cobertas por fumaça, consequência de um princípio de incêndio provocado por sujeitos que se indignaram com o assassinato de João Alberto e, para além desse ato, arremessaram paus e pedras na loja.

Ao referir-se ao caso, o enunciado verbal da manchete manifesta: “Unidade do Carrefour em São Paulo é apedrejada por manifestantes”. Percebemos que, ao remeter-se aos sujeitos atuantes na ação, a manchete se utiliza do termo “manifestantes”. Apenas a título de complementação dessa discussão, podemos citar que, diferentemente do portal @diariodepernambuco, a matéria divulgada pelo “Pleno News”, ao direcionar-se aos sujeitos que promoveram a ação no estabelecimento, vincula à prática ao vandalismo⁴. Tal comparativo entre enunciados nos conduz à percepção de filiações verboideológicas díspares.

⁴ A referida matéria não pôde ser exposta neste trabalho devido à proibição de reprodução de imagens imposta pelo portal de notícias em questão.

Além disso, do ponto de vista discursivo, é possível aferir que a ordem da materialidade linguística convoca produção de sentidos. Isso se explica, pois o enunciado da manchete é construído a partir da formação de uma voz passiva, que poderia ter sido instituída a partir de uma sentença ativa: “Manifestantes apedrejam Unidade do Carrefour em São Paulo”. A inversão na manchete induz-nos à leitura de que, ao deslocar o objeto direto da sentença, centralizando-o, ocorre uma desfocalização do agente da ação, no caso, os manifestantes. Nesse sentido, a construção gramatical convoca a leitura de uma intenção tácita de atenuação, de modalização do sentido.

Enquanto prática realizada pelos sujeitos envolvidos na ação contra o Carrefour, é possível perceber que o sentido social do apedrejamento convoca uma relação dialógica. O ato de “apedrejar” institui significados que retomam aos preceitos bíblicos, ilustrados, por exemplo, na passagem oriunda do evangelho de João 8:1-11 (ALMEIDA, 2009), na qual uma mulher adúltera é levada pelos escribas e fariseus até Jesus para ser punida pelo seu pecado, punição essa que decorreria em forma de apedrejamento, conforme demandava a lei de Moisés. Nesse sentido, vê-se que o significado social de apedrejar retoma relações dialógicas, ao vislumbrar o ato enquanto um castigo diante dos desvios. Logo, o apedrejamento sofrido pelo mercado Carrefour, em virtude do assassinato de João Alberto, simboliza a condenação, a punição, a penalidade do estabelecimento mediante o seu erro.

Na esteira desse raciocínio, enquanto prática responsiva ativa a respeito da publicação da manchete em questão, convocamos os comentários dispostos na Figura 5.

Figura 5 - Comentários I sobre a manchete do @diariodepernambuco no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH1QbHXDrdr/?igshid=9ic70to3w92o>

Acesso em: 13 abr. 2021.

Como já explicitado, ao se reportar aos agentes da prática de apedrejamento do mercado Carrefour, a manchete do @diariodepernambuco nomeia-os de “manifestantes”. As réplicas dispostas nos dois comentários da Figura 5 apontam uma postura que assume uma carga emotivo-volitiva de negação, de discordância diante da manchete do portal midiático em questão, ao contrariar a substantivação dada aos sujeitos envolvidos na situação. Thales, em seu comentário, desaprova o termo “manifestante”, assentindo serem esses indivíduos, vândalos (eles *não* são manifestantes são *vândalos*). Essa transfiguração nos indica como os sujeitos discursivos se revelam por meio da seleção do léxico que, por sua vez, não são arbitrárias, mas sim plasmadas de valores, de ideologias.

De modo mais incisivo, Kauã contrapõe-se ao termo utilizado pela manchete ao passo em que lança mão de um questionamento “Manifestantes?”. Prontamente, o autor do comentário enuncia como resposta “SÃO BANDIDOS!”. Observemos que, para além da adjetivação “bandido” para se referir aos sujeitos envolvidos na situação do Carrefour, Kauã faz o uso da caixa alta e do ponto de exclamação. A caixa alta convoca-nos à leitura de uma mudança de tom, uma modulação mais estridente. A exclamação, por sua vez, sinaliza a expressão do sentimento do falante que, unido à passagem da caixa baixa para a caixa alta na digitação da palavra, pode ser lido enquanto um sentimento de exaltação. Tais recursos funcionam como emissores de entonação expressiva, que revelam a relação de Kauã com o objeto do enunciado. À luz desse pensamento, o comentário do referido autor evoca uma antipatia perante a manchete.

No intuito de apresentarmos outros pontos de vista sobre a manchete do @diariodepernambuco, vejamos a Figura 6.

Figura 6 - Comentários II sobre a manchete do @diariodepernambuco no *Instagram*



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CH1QbHXDrdr/?igshid=9ic70to3w92o>
Acesso em: 13 abr. 2021.

Diferentemente do que vimos nos comentários de Thales e Kauã, cujo teor desaprovava o enunciado concreto da manchete do @diariodepernambuco e apreciava negativamente os sujeitos envolvidos na ação ocorrida no Carrefour, na Figura 6 presenciamos um cenário que abaliza um discurso que se constrói em uma perspectiva que esboça posicionamento favorável ao que aconteceu no mercado. Em Lara, observamos o uso de emoticons de palmas que nos condicionam à leitura de acolhimento, de aceite. Tal proposição é comprovada com o consecutivo emprego da expressão “Isso Aí”, que estabelece um sentido de aprovação, de concordância, de anuência diante das ações cometidas pelos sujeitos que apedrejaram o Carrefour. É possível perceber que a autora do comentário visualiza a ação revolucionária como um ato de resistência necessário para o fim do racismo no país, uma vez que, para além de estar de acordo com o feito, ela acaba por se pautar no argumento de que alicerçados apenas no âmbito das redes sociais a situação não mudará.

No que concerne ao comentário de Xavier, por sua vez, ele provoca-nos ecos e ressonâncias ao trazer no fio do seu discurso uma relação dialógica. Instituído-se como réplica aos discursos que enunciam que os sujeitos que praticaram o ato contra o mercado Carrefour são vândalos e não manifestantes, como valora a manchete do @diariodepernambuco, é possível perceber que Xavier mobiliza em seu comentário uma retomada a um evento em questão: a fala do vice-presidente Mourão sobre não existir racismo no Brasil.

Considerando que todas as escolhas na prática de comunicação social são ideológicas e essas escolhas certificam aos enunciados um tom avaliativo, compreendemos que os efeitos de sentidos oriundos do comentário de Xavier nos ofertam uma possibilidade de leitura de que o autor faz remissão ao discurso do vice-presidente para expressar um tom emotivo-volitivo de deboche. Esse dado nos traz à luz da questão a proposição defendida pelo Círculo de Bakhtin, de que os enunciados no processo de comunicação estabelecem relações entre si, uma vez que para construir um discurso, o enunciador “leva em conta o discurso de outrem, que está presente no seu” (FIORIN, 2008, p. 19), e essas relações podem ser contratuais ou polêmicas, de aceitação ou de recusa.

Diante desse panorama, compreendemos que os discursos em circulação no *Instagram*, tanto em enunciados de manchetes, quanto no gênero comentário *on-line*, abarcam uma pluralidade de projetos de dizeres que se alicerçam em uma natureza verboideológica. É, portanto, no cerne da interação discursiva que, guiados pelo pertencimento a grupos sócio-historicamente definidos, os sujeitos se inserem e se inscrevem enquanto partícipes sociais. Assim, reverberando e construindo compreensões no e sobre o mundo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho lemos que a realidade basilar da lingua(gem) é a interação discursiva que se realiza em enunciados concretos socioideologicamente situados, uma vez que os sujeitos estão imersos nessas dimensões. Na teoria bakhtiniana ou dos estudos dialógicos, a palavra expressa, enunciada,

engendra-se como um produto ideológico resultado das interações (STELLA, 2005). Desse modo, pensar a língua(gem) é atentar para o seu fluxo nas divergentes formas de significar a realidade, uma vez que o enfoque está sobre a sua natureza verboideológica.

No âmbito das redes sociais digitais, mais precisamente do *Instagram*, observamos que as manchetes jornalísticas e os comentários *on-line* têm operado com a demarcação de construções socioideológicas em grande proporção, ao passo que promove o engajamento de sujeitos em eventos enunciativos, materializando discursos que fazem circular axiologias, impondo acentos de valores e reforçando a dinâmica das trocas de posicionamentos.

No que concerne ao evento focalizado neste trabalho, o caso João Alberto, constatou-se uma pluralidade de projetos de dizeres que se encontram condicionados à filiação verboideológica dos sujeitos discursivos. Com isso, vê-se que as redes sociais digitais são espaços que se instituem como um terreno fértil de subjetivação ideológica. Portanto, apresentando-se como um ecossistema comunicativo de interação discursiva propício a abranger diferentes pontos de vista, diferentes modos de ler e compreender enunciados concretos.

El caso João Alberto: lectura dialógica discursiva de títulos y comentarios on-line en *Instagram*

RESUMEN

Centrado en el Análisis del Discurso Dialógico, este artículo presenta un análisis de enunciados en títulos de noticias del género comentario on-line, de circulación en la red social *Instagram* y diseñados a partir de un evento específico, para saber: el caso João Alberto – hombre muerto en el supermercado Carrefour, en noviembre del 2020, en la ciudad de Puerto Alegre, antes de continuar, constituye el objetivo de la investigación investigar la creación de sentidos en las interacciones discursivas establecidas en páginas noticieras del *Instagram*, con respecto a los titulares sobre el caso João Alberto y a los comentarios on-line allí sugeridos. Por lo tanto, intentando alcanzar nuestro diseño, teóricamente basado en los presupuestos de Bakhtin (2016; 2015; 2003), Fiorin (2008), Volóchinov (2019), entre otros. Basados en esta información, se realizó una búsqueda con el sello cualitativo (BORTONI-RICARDO, 2008) basado en netnográfica (NOVELI 2010; KOZINETS, 2010), una vez que se buscó interpretar fenómenos localizados en un ambiente on-line. Los resultados de esa búsqueda arrojaron, que *Instagram* el *Instagram*, en cuanto el espacio socio comunicativo, aprecia una pluralidad con respecto a las referencias del caso João Alberto, los cuales están acondicionados a una afiliación verbo ideológica de los sujetos discursivos.

PALABRAS CLAVES: Interacción Discursiva. Redes Sociales Digital. Caso João Alberto.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Revista e atualizada no Brasil. 2. ed. Barueri: 2009, p. 1075-1076.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, posfácio, notas e glossário de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia: a arma secreta dos profissionais de marketing: como o conhecimento das mídias sociais gera inovação**. 2010. Disponível em: http://bravdesign.com.br/wp-content/uploads/2012/07/netnografia_portugues.pdf. Acesso em: 02 mar. 2021.

NOVELI, Marcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet? **Revista Organizações em Contexto**, [S.l.], v. 6, n.12. p. 107-133, 2010. Disponível em: <http://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/2697/2640>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ROSA, Renata Faria A. Silva da. Os Gêneros Discursivos: uma perspectiva dialógica de ensino de língua portuguesa no Ensino Fundamental. *In: X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação*, 10. 2014, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre: UniRitter, 2014. Disponível em https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2968/545/577.pdf. Acesso em: 13 abr. 2021.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. *In: BRAIT, Beth. Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 177-190.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado (1930). *In: _____. A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: 34, 2019, p. 266-305.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikolaevich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e EkaterinaVólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.